

METÁFORA RELACIONAL – UMA EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS ATRAVÉS DO OUVIR, CRIAR E NARRAR HISTÓRIAS

Gustavo Queiroz Guimarães*

RESUMO

Neste artigo, o autor compartilha sua experiência de nove anos junto a um grupo de pessoas com necessidades especiais, usando o teatro e a narração de histórias como ferramentas para a sua inclusão social. Esse trabalho contempla aspectos terapêuticos, educacionais e artísticos do desenvolvimento humano. Cria, também, um novo termo e conceito - a "metáfora relacional". Apresenta suas peculiaridades e suas implicações, como uma contribuição para a teoria do Psicodrama.

Palavras-chave: Psicodrama. Espontaneidade. Grupo com necessidades especiais. Narração de histórias. Metáfora relacional.

ABSTRACT

In this article the author shares his nine year experience together with a group of people with special needs, using the theatre and storytelling as tools to their social inclusion. This group contemplates therapeutic, educational and artistic aspects of the human development. He also creates a new term and concept, "relational metaphor", its peculiarities and its implications, as a contribution to the theory of Psychodrama.

Keywords: Psychodrama. Spontaneity. Group with special needs. Storytelling. Relational metaphor.

1 INTRODUÇÃO

* Gustavo Gaivota - Coordenador do Projeto Histórias em Movimento, da Fundação de Atendimento Especializado de Nova Lima. Psicólogo, psicodramatista, contador de história e escritor.

Como uma mariposa atraída pela luz de uma vela, novamente tento acercarme da espontaneidade. No premiado artigo “Uma Nova Resposta ao Conceito de Espontaneidade”, procurei refletir sobre esse conceito do psicodrama, em contraposição ao conceito de conserva cultural (GUIMARÃES, 2011). Agora, apresentarei alguns dos efeitos da espontaneidade, na construção e na apropriação de metáforas, por um grupo de pessoas com necessidades especiais, num trabalho processual de nove anos, realizado na Fundação de Atendimento Especializado de Nova Lima (FAENOL).

Foi em 2007, em sintonia com a “Política Pública de Educação Inclusiva”, da cidade de Nova Lima, MG, que a FAENOL incorporou o Projeto “Histórias em Movimento”, cujos fundamentos podem ser encontrados nos princípios do psicodrama, do teatro espontâneo e da narração de contos tradicionais, conforme descrito no livro “Histórias em Movimento – Criando Laços na Escola”, de Gustavo Gaivota. Dentro desse projeto, fundamos a trupe “Alegria em Movimento”, um grupo formado por doze jovens e adultos com déficits intelectuais provocados por diversas síndromes e por privação social. Essa trupe participava do trabalho de arte / terapia / educação ouvindo, criando e contando histórias em diversos espaços públicos de Nova Lima, Belo Horizonte e adjacências; ao longo desses anos, foram mais de duzentas apresentações dentre esquetes e nove peças autorais.

Desde sua formação, o grupo buscava sair da lógica do erro / acerto, para uma lógica mais inclusiva, ao considerar que toda expressão é parte de um diálogo. No início, suas apresentações eram formadas por pequenas cenas improvisadas e havia uma rica interação com o público. No seu segundo ano de existência, a trupe passou por uma significativa transformação, ao se apropriar de uma metáfora para concretizar e explorar as verdades do universo psicodramático do grupo. A essa metáfora apropriada pelo grupo, demos o nome de metáfora relacional. O que queremos destacar é que, ao trocar as histórias improvisadas pelas metáforas relacionais, o resultado de nossa ação foi bem diferente: os personagens se imbuíram de um sentimento genuíno que os atores lhes emprestavam, e a apresentação deixou de ser apenas um entretenimento, para ser um veículo de expressão do singular, aumentando a coesão do grupo e impactando o público de uma forma única.

Nesse projeto, a condução da trupe teve a parceira com a pedagoga Cintia Nicholls e a psicóloga Fabíola Figueiredo. A seguir, apresentaremos o momento do

nascimento da metáfora relacional, suas particularidades e alguns de seus desdobramentos. Vale, ainda, ressaltar que essas apresentações foram parte de um amplo processo de construção de autonomia e, para que você, caro leitor, possa se aquecer para o significado dessa jornada e perceber o mundo com nossos olhos, pedimos que:

- a) imagine um grupo de heróis cujos poderes estão adormecidos e, nas relações de seu átomo social¹, despontam predominantemente suas deficiências;
- b) imagine que, contra todo o senso comum, esse grupo se engaje numa missão capaz de salvar a humanidade de uma ferida muito antiga, com a busca de um antídoto contra a exclusão, o preconceito, o abandono; com o resgate da espontaneidade, da coragem de sonhar e acreditar; com a liberdade de ser quem se é e a construção de um caminho possível.

Essa história aconteceu em nosso tempo e espaço, mas poderia ter acontecido num lugar muito distante, há muito tempo atrás...

2 O NASCIMENTO

Na perfeição do Monte Olimpo, Hera, a vaidosa esposa do grande Zeus, está grávida. Todos os Deuses aguardam, com expectativas, a vinda dessa criança. Quando, enfim, ela nasce, revela-se a vergonhosa constatação: o filho tão esperado é coxo! Em sua fúria, com seu orgulho mortalmente ferido, a poderosa Deusa arremessa esse pequeno ser para fora da morada dos deuses. Ele dá três voltas ao redor da Terra antes de cair no mar e desaparecer nas profundezas...

Este é o início do mito grego de Hefestos, que nós iríamos dramatizar. Era uma manhã de maio do ano de 2008. Após contar-lhes essa história, entrei em cena jogando o papel de Zeus, enquanto Anita², integrante da Trupe e que mancava, entrou como Hera. De braços dados, caminhávamos pelo Olimpo falando de nossa perfeição, nosso amor e felicidade, enquanto os outros Deuses, demais integrantes do grupo, admiravam o casal.

¹ O Átomo Social é uma configuração das relações interpessoais com as quais uma pessoa está emocionalmente envolvida. Os conceitos principais do Psicodrama são bem introduzidos no livro "Lições de Psicodrama". 1998.

² Os nomes dos integrantes da trupe foram trocados a fim de preservar a identidade dos mesmos.

De repente, Hera entra em trabalho de parto e nasce o tão esperado rebento. Ênio, outro integrante que mancava, entra rapidamente em cena, assumindo o lugar do filho. Zeus fica indignado com aquele rebento que, aparentemente, não refletia a sua idealizada perfeição:

- O que é isso! Como é possível, de onde veio essa criatura?
- Esse é o nosso filho! – responde convicta, a atriz.
- Deve haver algum engano, olha para ele! Ele manca!
- E daí que ele manca, ele é nosso filho! – responde a atriz Anita.³

Para o Diretor / Egoauxiliar⁴, instalou-se um impasse. O personagem de Anita deveria desprezar o filho, mas a atriz se rebelou contra a história estabelecida e criou uma nova Hera: ao invés de concordar com Zeus e desprezar o filho, assumiu suas dores. O que fazer? Cortar a cena e retornar o papel original de Hera, ou permitir esse motim. Era evidente que aquela dramatização tinha um significado muito mais interessante do que o frio mito: nesse mágico instante, personagem e atriz se misturavam numa atitude intensa, que mobilizava todo o grupo. Por um segundo, passou pela mente do diretor a revolução criadora de Moreno.

A maior, mais longa, mais difícil e mais singular das guerras empreendidas pelo homem durante sua trajetória faz soar seu chamado. Não tem precedente nem paralelo na história do universo. Não é uma guerra contra a natureza nem uma guerra contra outros animais, nem de uma raça humana, estado ou nação contra qualquer outra raça, estado ou nação. Tampouco é uma guerra de uma classe social contra uma outra classe social. É uma guerra do homem contra fantasmas, os fantasmas a que, não sem razão, se chamou os maiores construtores de conforto e civilização. São eles a máquina, a conserva cultural, o robô (MORENO, 2003, p. 94).

A decisão estava tomada. O diretor desiste do texto, da conserva da história e intensifica seu papel de Egoauxiliar⁵.

³ Dialogo registrado pelo autor na sessão de 12 de março de 2008.

⁴ Na prática do psicodrama, no contexto dramático, utilizamos cinco instrumentos: Cenário (espaço onde ocorre a ação dramática), Protagonista (sujeito da ação dramática que representa sentimentos do grupo), Diretor (terapeuta que coordena a sessão), Egoauxiliar (terapeuta que interage em cena) e Público (demais participantes). Cada um desses instrumentos tem características e funções distintas. Em geral, o diretor não assume a função de Egoauxiliar, mas, nas Histórias em Movimento, é uma adaptação comum.

⁵ Na prática das Histórias em Movimento, diferentemente do Psicodrama, o diretor frequentemente

“– Nosso filho, não! Esse menino é uma aberração! Vamos jogá-lo fora!

– De jeito nenhum!”

Hera, como uma leoa defendendo sua cria, coloca-se à frente do ator que fazia o papel do filho. Quanto mais era provocada, mais mantinha sua posição.

– De que vale ter um filho que manca?

– Vale muito! Eu amo meu filho!

– Você vai ter de escolher, ou eu ou ele!

– Ele! - diz ela com um olhar firme e determinado. ⁶

O grupo parecia hipnotizado pela cena. Estávamos diante de um ato criativo, uma quebra no nexo causal. Um ato repleto de espontaneidade, de uma sensação de surpresa e certa irrealidade. Um ato heroico de uma atriz, que revelou para o grupo o sentido de sua existência: defender o direito de ser quem se é, mesmo sendo fora dos padrões estabelecidos. Não éramos mais apenas uma oficina, mas um grupo mobilizado por um propósito. A continuação da recriação do mito nos revelou um pouco mais sobre a natureza desse grupo.

Depois do embate, quando Hera foi dormir, Zeus (e não Hera) arremessou o filho do Olimpo. Este caiu no mar e foi acolhido por algumas ninfas, que lhe ensinaram o ofício de ferreiro. Como ferreiro, seu trabalho ganhou fama e, na singularidade de sua obra, ele mostrou que era realmente um Deus. Mas Hefestos não havia esquecido o que seu pai lhe fizera. Ele preparou sua vingança. No decorrer de seu plano, Zeus viu-se preso a um trono de ouro e a única pessoa que poderia libertá-lo era seu filho. Novamente, uma cena dentro da história que mobilizou o grupo intensamente. O pai pedia ao filho que o libertasse, enquanto o filho negava-lhe obstinadamente. Após mais um pedido de desculpas, em que Zeus expressa seus sentimentos mais humanos e, com a intervenção da mãe, o filho liberta o pai e os dois se abraçam com muita emoção. Estava claro que o grupo não queria um rompimento com o mundo ao afirmar sua razão, mas uma integração, um pertencimento.

Numa dessas ocasiões, Francisco⁷, outro integrante da trupe, deu o seguinte

assume a função de ego-auxiliar.

⁶ Dialogo registrado pelo autor na sessão de 12 de março de 2008.

depoimento:

Porque a gente pode demonstrar para o povo o jeito que o mundo é. Não é do jeito que eles pensam que é. Eles acham que cada um de nós tem um problema. Eles acham que a gente não dá conta de demonstrar. Mas não é isso que a gente vê. Apesar das dificuldades, cada um tem a sua dificuldade, mas cada um mostra dentro de suas capacidades. (FRANCISCO, 2008)

Essa fala concretizou a identidade do grupo, ao expressar o que nos pareceu uma elaboração da dramatização da nossa metáfora de “Hefestos”. Nessa fala, podemos perceber o sentido e os objetivos desse grupo em estar junto: mostrar a capacidade daqueles aos quais a sociedade não dá o devido valor. Todos estavam integrados, como elo fundamental, para alcançar esse objetivo.

3 A METÁFORA RELACIONAL

Embora o grupo estivesse determinado em seu propósito, ele apresentava uma enorme dificuldade de expor e dramatizar cenas significativas da própria história de vida de seus integrantes. Talvez a percepção da realidade fosse vivenciada de uma forma por demais opressora e, por isso, era difícil a espontaneidade de se manifestar. Substituímos o drama individual pela metáfora relacional. Apresentamos a realidade através de um espelho, que revelava e reverberava questões e sentidos nas pessoas, no grupo e na sociedade.

Nos seis anos seguintes, criamos metáforas que procuravam dar voz ao que o grupo não conseguia expressar diretamente com palavras. É interessante observar, que as metáforas, criadas ao longo desses anos, contam a história dessa jornada do grupo na construção de sua autonomia. Na metáfora de criada em 2008⁷, cujo nascimento é retratado nesse artigo, o grupo encontra o sentido de estar junto. Na metáfora seguinte, elaborada em 2009, ele fala de suas capacidades ao desafiar os limites estabelecidos. Em 2010, cria uma metáfora, que fala do afeto e da sexualidade, ao mesmo tempo em que diz ao mundo que os integrantes não são mais crianças. Em 2011, ano marcado por desastres ambientais, dizem da

⁷ Nome fictício.

⁸ Todas essas metáforas estão registradas em DVDs e fazem parte do acervo da Faenol.

importância do meio, para que as singularidades possam desenvolver suas potencialidades. Em 2012, o grupo se compromete com seus sonhos e os componentes se tornam responsáveis por eles. Em 2013, cria a peça “Sobreviver”, na qual assumem sua deficiência, numa identidade muito mais ampla. Em 2014, questiona suas atitudes frente ao amor.

Vale destacar que, em cada um desses anos, a metáfora criada foi capaz de unir e mobilizar o grupo num processo muito mais amplo do que o de dramatizar uma história. Podemos dizer que a metáfora relacional é uma analogia, que dialoga com os três contextos da prática psicodramática e que é apropriada pelo grupo como uma forma de simbolizar e expressar a realidade de seu momento. Cada um desses contextos (contextos dramático, grupal e social) apresenta características e possibilidades peculiares e a metáfora se adapta a elas.

Se a construção das histórias acontece fora de uma leitura das relações desses contextos, elas podem se transformar apenas num espetáculo; mas, se elas acontecem dentro dessa escuta, tornam-se uma jornada capaz de reverberar sentidos e transformar uma realidade. Chamamos essas criações de metáforas relacionais, pois se apropriam de diversos conceitos do psicodrama e da sabedoria dos contos tradicionais, para tecer suas tramas. Elas, muitas vezes, desempenham a função do duplo⁹, permitindo a expressão de questões que ainda não podem existir, dentro de uma roda de conversa. Ora também funcionam como um espelho mágico, que revela, para cada pessoa, apenas a realidade que ela consegue enxergar.

Nossa metáfora não é um texto pronto, ao qual o ator tem de se moldar e dar vida aos personagens já construídos, mas um processo vivo, que é jogado pelo ator / personagem. O personagem se alimenta das qualidades e potencialidades do ator e o ator utiliza o personagem, para expressar suas emoções e opiniões mais verdadeiras. Um personagem criado dessa forma é espontâneo e cheio de vitalidade. Ao mesmo tempo, a metáfora relacional não pode ser reduzida a um jogo dramático, uma vez que ela produz uma conserva que pode ser repetida e, também, desenvolve uma trama na qual os personagens participam da construção de uma unidade, de um sentido. É um equilíbrio vivo entre a conserva e o ato criativo. Por isso, elas são contadas apenas enquanto fazem sentido para o grupo. A história se

⁹ Duplo: uma das técnicas básicas do psicodrama, que tem por objetivo expressar para o protagonista aquilo que por alguma razão ele não está conseguindo.

repete como uma “gestalt” aberta, que procura desesperadamente se resolver. Quando ela se fecha, o grupo não mais se mobiliza para dramatizá-la. A metáfora relacional é construída como muitos contos da tradição oral, apresentando seu conteúdo de uma forma indireta, que se revela em múltiplas camadas.

4 A TRANSFORMAÇÃO

De repente, estávamos perdidos olhando para aquele grupo. Todos falavam ao mesmo tempo. Ninguém se escutava. Todos queriam atenção, e nossos esforços para organizar aquele caos não estavam surtindo efeito. Por questões institucionais, tivemos de abandonar nossa sala e ocupar um espaço provisório ao lado da horta. A dispersão do grupo estava tão grande, que levantamos a hipótese de que, talvez, fosse o momento de encerrá-lo. Assim começamos o ano de 2015.

As diversas metáforas que propusemos não foram capazes de unir o grupo. Ele já não precisava de uma metáfora como um “duplo”, mas de um espaço para expressar sua singularidade. Precisávamos de uma resposta adequada à singularidade do momento.

Foi a partir da imagem de um colar, que encontramos um novo caminho. A nova proposta de metáfora não focava mais o conteúdo, mas a estrutura: contas singulares, como cenas individuais, unidas por um fio invisível, que poderia ser um objeto, um tema, um estilo. Gradativamente, a dispersão no grupo começou a ceder e a coesão foi aumentando.

O grupo se encontrou, de fato, quando o objeto de ligação das cenas foi um microfone. No princípio, cada um ocupava o seu lugar no palco, falando o que quisesse. Depois criamos jogos: cada um entrava no palco e fazia uma pergunta ou dava uma opinião. Chegamos à provocação: qual o meu lugar no mundo? As respostas evoluíram. No início, eram mais concretas: meu lugar no mundo é minha casa, minha família, minha escola; depois, tornaram-se mais abstratas: meu lugar no mundo é o lugar dos meus sonhos; meu lugar no mundo é ao lado da pessoa que eu amo; meu lugar no mundo é o pensamento tranquilo, dentre outras.

Nomeamos para o grupo: meu lugar no mundo é o lugar de onde eu falo, o lugar do meu talento. Com esse colar, recomeçamos as apresentações externas. A história apresentada voltou a ser uma “voz” para cada integrante do grupo. Acreditamos que a metáfora entrou em sintonia com o momento do grupo, que,

agora, era o de se mostrar. Conseguimos valorizar as diferenças e incentivar as trocas. Sabendo da importância de desenvolver a confiança, nesse momento, o grupo foi desafiado a apresentar a peça sem a presença do diretor como Ego-auxiliar. Desafio aceito com satisfação e intensidade. O grupo mudou de posição, voltou a sonhar, a demandar apresentações e viagens.

O integrante Francisco fez questão de ocupar o palco como ator e não como personagem. Ele entrou no palco como ator e, em sua fala, deixou clara sua transformação que, de certa forma, refletia também a do grupo. Na sua fala anterior, a sete anos atrás, ele colocava a necessidade de mostrar para o mundo o jeito que o mundo é, mas, agora, apenas afirma sua capacidade de sonhar e de acreditar: “Eu acredito no meu sonho e sou capaz de realizá-lo. Já estou realizando. Você precisa acreditar no seu sonho[...] se você não acredita, quem irá acreditar?” (FRANCISCO, 2015)

Essa metáfora marcou o limite da experiência da utilização das metáforas como duplo do grupo; ao mesmo tempo, mostrou a riqueza e a possibilidade de a metáfora se adaptar às diversas fases de um grupo. Nessa nova experiência, assumir um lugar no palco foi como assumir um lugar no mundo. Todos tiveram o espaço para expressar a sua singularidade, mas de uma forma completamente diferente dos anos anteriores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de uma longa jornada, não somos mais os mesmos. O grupo já não tem aquela coesão viva que acompanhava Hera em seu desafio a Zeus. Ao mesmo tempo, parece que conquistou uma boa dose de autonomia e de diversidade. Moreno dizia que o papel da psicoterapia é devolver às pessoas a capacidade de sonhar.

Nessa aventura, onde cada metáfora significou um passo no processo de inclusão desse grupo de pessoas com necessidades especiais, nós nos deparamos com atos espontâneos que, por vezes, foram atos heróicos. Talvez toda concretização da espontaneidade seja um ato heroico, uma vez que o ato espontâneo rompe com o nexos causal, assim como o ato heróico.

Sabemos que as histórias de heróis são as histórias que merecem ser contadas, pois, ao desafiarem a lógica estabelecida, infligem um novo curso aos

acontecimentos. Nesse sentido, o ato espontâneo se aproxima muito das histórias, uma vez que ele é sempre uma aventura.

A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa parte numa série de aventuras que ultrapassam o usual quer para recuperar o que tinha sido perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida. Normalmente, perfaz um círculo, com a partida e o retorno (CAMPBELL, 1993, p.131).

Percebemos que, na construção dessas metáforas relacionais, ator e personagem se misturaram, criando sentido e gerando transformações nas vidas de nossos integrantes. Cada membro da trupe pode citar, pelo menos, um personagem que lhe marcou profundamente.

Esses personagens vivenciados foram verdadeiros marcos na construção da autonomia do ator e as questões vividas através de seus personagens foram, muitas vezes, trabalhadas por terapeutas da instituição. Com certa surpresa, percebemos, também, que, quando um integrante assumia um ato espontâneo, através de seu personagem, ele se tornava um herói, que redimia todo grupo. Foi assim com a atriz que transformou o papel de Hera e também em inúmeras ocasiões ao longo desses anos. Em cada metáfora, alguns desses atos heróicos conferiram uma nova significação às situações vividas pelo grupo. O grupo também passou por grandes perdas e as metáforas tiveram um significativo papel na elaboração do luto.

Se, no início do trabalho, os atores precisavam dos personagens para se expressar, agora são capazes de ser eles mesmos no palco e dizer o que lhes encanta e o que lhes aflige. Se, no início da jornada, Francisco dizia da importância de mostrar para o mundo o jeito que o mundo é, termina dizendo-se capaz de realizar seus sonhos. Afirma que não precisa mais provar nada e que sabe que é capaz - uma sutil transformação, que sinaliza uma verdadeira evolução na forma de se relacionar com o mundo. Se, antes, a referência era mostrar para os outros uma queixa velada de que “eles não me dão o devido valor”, agora, a posição é de que “eu sou capaz”. Uma mudança que reafirma o processo de construção de autonomia.

Nesse processo, o grupo propôs e se mobilizou para realizar, pela primeira

vez, diversas iniciativas, como organizar churrascos, comemorações, andar de ônibus, montar um programa de entrevistas e outras. Os integrantes, agora, fazem por conta própria vários links com a sociedade. São capazes de programar saídas, fazem aulas em academias, desenvolvem projetos pessoais, estabelecem parcerias, reúnem-se fora do grupo fortalecendo os vínculos entre eles. Acreditamos que as metáforas contribuíram para essa transformação, assim como outras ações da FAENOL e da política de inclusão da cidade de Nova Lima.

O alcance das metáforas é muito mais amplo do que supúnhamos. Sem perceber, ao contarmos nossas histórias, estávamos nos transformando, tomando, jogando e criando o papel social de artista, ator. A fantasia do “como se” cria papéis sociais, ao exercer uma função útil no contexto social. Ao criarmos Disco Digital Versátil (DVDs) das apresentações, concretizamos ainda mais esse processo, reafirmamos nosso lugar na sociedade. Uma mãe relata que só pode assistir a sua novela depois que seu filho assiste a um dos DVDs produzidos pelo nosso grupo¹⁰.

Podemos pensar na metáfora como ferramenta de inclusão. Observamos que, de metáfora em metáfora, o grupo elaborou diversas de suas questões e que, aos poucos, a história deixou de ser escrita no palco, para ser escrita na vida. Através desse grupo, seus integrantes vivenciaram diversos papéis nos contextos psicodramático, grupal e social. Seu processo de criar e de apresentar metáforas inspirou outros grupos a fazer o mesmo. Hoje temos quatro grupos na instituição, que realizam apresentações regulares.

Ao longo desses anos, ficou claro que nosso trabalho é criar um meio, para que as singularidades possam se concretizar, inseridas na construção de um sentido; para que o talento possa se manifestar; para que Hefestos aprenda seu ofício e mostre para o mundo sua divindade. Moreno formulou a ideia de que o ser humano tem fome de ação. Quem sabe, teria também fome de histórias?

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1993.

¹⁰ Esses DVDs foram produzidos durante as apresentações dos espetáculos teatrais no Teatro Municipal de Nova Lima. Essas apresentações criaram um público cativo na cidade e foram possíveis graças a diversos outros saberes de profissionais da instituição e parceiros - entre artistas plásticos, músicos, professores, dentre tantos outros.

FUNDAÇÃO DE ATENDIMENTO ESPECIALIZADO DE NOVA LIMA, NOVA LIMA. Política pública de educação inclusiva. **Universo - Revista FAENOL**, n.1, ago. 2007.

GAIVOTA, Gustavo. **Histórias em movimento**: criando laços na escola. Belo Horizonte: Uniduni, 2011.

GUIMARÃES, Guimarães Queiroz. Uma nova resposta ao conceito de espontaneidade. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 19, n.1, p. 135-142, ano 2011.

GONÇALVES, Camila Salles; WOLFF, José Roberto; ALMEIDA, Wilson Castello de. **Lições de psicodrama**: introdução ao pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Agora, 1988.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. 9. ed. São Paulo: Pensamento Cultrix. 2003.